

SIMPÓSIO AT039

O ETHOS DISCURSIVO DE UM POLÍTICO EM ASCENSÃO

RIBEIRO, Sílvia Maria
PUC/SP
Silviaribeiro11@hotmail.com

SAMPAIO, Cássia Cristina Rodrigues da Silva
PUC/SP
prof.cassiasampaio@gmail.com

Resumo: Este artigo consiste em examinar o interdiscurso, a cenografia e a constituição do ethos discursivo na entrevista dada pelo vice-prefeito da cidade de São Paulo à revista *Veja São Paulo*, integrante da revista *Veja*, publicada no dia 28 de março de 2018. Busca-se, também, verificar a formação da identidade do sujeito-enunciador como uma construção discursiva e sócio-histórica. Para tanto, o artigo fundamenta-se no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso, de linha francesa, na perspectiva enunciativo-discursiva, proposta por Dominique Maingueneau, cuja produtividade tem se tornado eficiente, na atualidade. Expomos as condições sócio-históricas e culturais de produção do corpus considerando como a mídia veicula a revista em questão, de acordo com a sua função social. Apresentamos a noção de interdiscurso, cenas de enunciação e o ethos discursivo propostos por Maingueneau e, em especial, a categoria de cenografia e sua forma de constituição como estratégia de envolvimento discursivo entre enunciador e co-enunciador e o interdiscurso relacionado com a memória social do sujeito. A análise discursiva aponta para a articulação dos elementos fundamentais à constituição da cena enunciativa. O discurso do sujeito-enunciador não apresenta, exclusivamente, um ethos construído pela opinião pública, mas um ethos construído pelos efeitos de sentido materializados pela ideologia presente nos antecedentes morais, éticos e de caráter, resultando na imagem do enunciador, que não se utiliza de seu “poder”, para realizar um discurso de empoderamento.

Palavras-Chave: Enunciação; Entrevista; Discurso; Identidade.

Abstract: This article consists on an examination of the interspeech, the scenography and the constitution of the discursive *ethos* present on São Paulo City's vice-mayor interview to *Veja São Paulo*, weekly supplement of *Veja*, published on March 28th, 2018. It also analyzes the molding of the speaking subject as a discursive and socio-historical construction. Therefore, the article finds its bases on the theoretical-methodological device from the french front of Discourse Analysis, under the illustrative-discursive perspective, given by Dominique Maingueneau, whose productive has become effective nowadays. It is exhibited the cultural and socio-historical corpus production considering how the media expose the studied magazine, according to its own social function.

showing the notions of interspeech, enunciation scenes and the discursive ethos proposed by Maingueneau and, specially, the scenography category and its constitution shape as a discursive involvement strategy between speaker and co-speaker and the interdiscourse related to the subject's social memory. The discursive analysis leads to the fundamental elements articulation of an illustrative scene development. The subject-speaker discourse doesn't show, exclusively, an ethos developed by the public opinion, but an ethos constructed by the effects of meaning materialized by the ideology present in moral, ethic and character precedents, resulting in the image of the speaker, which doesn't use its "power" to make an empowering discourse.

Keywords: Enunciation; Interview; Speech; Identity.

Introdução

Fundamentado no aparato teórico – metodológico da Análise do Discurso proposta por Dominique Maingueneau expomos as condições sócio-históricas e culturais de produção do *corpus*, apresentando a noção de interdiscurso, cenas de enunciação e de *ethos* discursivo, a categoria de cenografia e sua forma de constituição como estratégia de envolvimento discursivo entre enunciador e coenunciador e o interdiscurso relacionado com a memória social do sujeito. Analisamos o *tom* do discurso, observando que o sujeito-enunciador não apresenta, um *ethos* construído pela opinião pública, mas um *ethos* que corresponde a uma atitude do enunciador, de um sujeito criado pelo discurso.

1. Condições sócio-históricas cultural de produção do discurso político

O *corpus* deste artigo é a entrevista de Bruno Covas Lopes, então vice-prefeito da cidade de São Paulo, à Revista VEJA São Paulo – um encarte da revista Veja – com o título **Quem é e o que pensa Bruno Covas, o próximo prefeito de São Paulo?** Que desde 06 de abril de 2018 exerce o mandato de prefeito, em virtude da renúncia do então prefeito, João Dória.

Bruno Covas é um político brasileiro, neto do ex-governador Mário Covas, cresceu em meio à política e é graduado em Direito pela USP. Iniciou carreira política em 2004, convidado por Geraldo Alckmin assumiu a Secretaria do Meio Ambiente, em 2011. A revista Veja São Paulo representa para a cidade um meio informativo ágil de busca no que concerne a cultura,

lazer e entretenimento além da informatividade da vida cotidiana pública, econômica e política paulista.

2. Fundamentação teórica

2.1. Discurso e Análise do discurso

Com a Análise do Discurso, conforme Maingueneau (2015), retomamos Michel Pêcheux (1938-1983), filósofo francês que propõe a teoria da análise do discurso, no final da década de 1960. Tratando a língua para além dos estudos estruturais de Saussure, colocou em debate o discurso como lugar de produção de sentidos em que o sujeito por meio da história se constrói ideologicamente, propôs o estudo discursivo nos estudos semânticos em que as palavras podem mudar de sentido segundo as posições determinadas por aqueles que as empregam, é o efeito de sentido que se observa a cada discurso produzido.

O estudo da análise do discurso se sustenta em três pilares: linguística, materialismo histórico e teoria do discurso, esses atravessados por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica em que o importante é o sujeito, um sujeito que se instaura no discurso. De acordo com Pêcheux a cena intelectual da análise do discurso se ancorou em três pilares: no marxismo do filósofo L. Althusser, na psicanálise de J. Lacan e nos estudos linguísticos estruturais.

Fora da linguística, a noção de discurso, ancorada nas ciências da linguagem, dialoga com ideias originadas de correntes teóricas que perpassam o conjunto das ciências humanas e sociais em que o discurso é mobilizador de ideias-força (MAINGUENEAU, 2015): uma organização além da frase, uma forma de ação, interativo, contextualizado, assumido por um sujeito, regido por normas, assumido no bojo de um interdiscurso e constrói socialmente o sentido.

Para Maingueneau (2015), a análise do discurso não é um método, e sim *uma disciplina* no interior dos estudos do discurso, o discurso é o objeto de estudo da análise do discurso e verdadeiramente objeto de conhecimento se assumido por alguma disciplina que se caracterize por um *interesse* específico.

2.2. Interdiscurso

O interdiscurso, segundo Maingueneau, é de difícil definição, está na memória, sendo anterior ao discurso, contudo é o que possibilita criar o discurso. Define-se o interdiscurso com um sentido restritivo e com um sentido amplo, ou seja, por um lado, um conjunto de discursos do mesmo campo que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros, e por outro, um conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita. Maingueneau apresenta a noção de interdiscurso dizendo que "é necessário afinar este termo muito vago para nosso propósito e substituí-lo por uma tríade: universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo". O primado do interdiscurso é um princípio central da análise do discurso.

2.3. A política e o discurso político

A palavra política deriva do grego (politikós), isto é tudo o que se refere à vida da cidade, pertinente as relações sociais - urbana, civil, público, sociável ou social. A obra *Política* de Aristóteles, deu expansão ao termo como primeiro tratado sobre a natureza, funções e divisão do Estado, e sobre as várias formas de governo.

De acordo com Charaudeau (2008), a linguagem medeia a instância cidadã e a instância política, e contribui para assegurar a legitimidade da representação política.

2.4. Cenas de enunciação

No livro *Discurso e análise do discurso* (2013), Maingueneau faz uso da metáfora do teatro para que os leitores possam apreender o termo "cenas da enunciação" comparando discurso à peça teatral encenada quadro a quadro num processo que segue um roteiro de ações, verbais ou não verbais, em um espaço delimitado tal como o discurso no gênero. O discurso também pressupõe um quadro, dirigido pela encenação da enunciação. A cena da

enunciação não é um bloco compacto, implicando 03 (três) proposições possíveis: cena *englobante*, cena *genérica* e *cenografia*.

A cena *englobante* corresponde ao tipo de discurso de determinado setor social, representado por infinidades de gêneros de discurso, cumprindo uma função social, neste *corpus*: a cena de enunciação é de uma entrevista, e o discurso está figurado em uma cena *englobante* do setor social jornalístico a qual está ligada a algumas propriedades - em entrevista: perguntas e respostas.

É na cenografia que os atores, vão legitimar seus discursos, tentando convencer, suscitando a adesão do destinatário, como diz Maingueneau (201), há na cenografia um processo de enlaçamento paradoxal, no caso do *corpus em análise* há uma progressão discursiva engendrada pelas falas de entrevistador e entrevistado que vai legitimando o discurso e apresentando a face e o *ethos* do entrevistado o que suscita a adesão do leitor.

2.5. O *ethos* discursivo

Conforme Maingueneau (2013) a noção de *ethos* não se deu, de saída, dentro do quadro da retórica, mas sobretudo por meio das problemáticas relativas aos discursos.

De acordo com uma noção moderna de *ethos*, para alguns autores há o comportamento e a aparência de um candidato político, outros admitem um *ethos* construído pela opinião pública, pelos antecedentes morais, éticos e de caráter, fala-se também em um *ethos* institucional – de perspectiva linguística e de perspectiva sociológica -, formado pela articulação de um *ethos* discursivo e de um *ethos* exterior ao discurso. De acordo com Maingueneau (2013) “*por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador*”, podendo assim chamar *ethos*, e mais “ toda fala procede de um enunciador encarnado; mesmo quando escrito, um texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito situado para além do texto.(2013), entendendo-se o *ethos* ligado à uma voz, à oralidade um *ethos* discursivo na entonação, na expressão do enunciador em seu enunciado na interação com o (co)enunciador.

Análise

Charaudeau, em *Discurso das Mídias* (2006), fala sobre a entrevista jornalística, como um dispositivo triangular.

O entrevistador, legítima por “Procurar fazer falar seu convidado para revelar uma verdade oculta”, no caso deste *corpus*, o jornalista tenta tirar do convidado o máximo de informações possíveis, fazer aparecer intenções ocultas, provocar, trazer a luz posições contraditórias do convidado, por meio do jogo de questionamento alternado.

O entrevistado em seu papel trará um “Tenho algo a dizer que concerne ao bem comum”, como um ator representando a si mesmo e a vida política e cidadã, por político que é e sua enunciação será interpretada de diferentes maneiras, e não deve se permitir a dizer para o público exatamente o que pensa.

O leitor, o terceiro participante desse dispositivo triangular tem ou quer o texto em suas mãos e cumpre o papel de um “Estou aqui para saber alguma coisa de interesse geral que me seja dada como uma revelação”.

A bola da vez *O que pensa o próximo prefeito de São Paulo*

João Doria costuma dizer que não é político, mas um gestor. Isso também vale para o senhor?
Dá para ser as duas coisas. Sou um político, sim, e me orgulho disso. Nas férias escolares, eu passava os dias com meu avô, em Brasília.

À frente da Secretaria das Prefeituras Regionais, sua atuação foi criticada a ponto de o atual prefeito tirá-lo da pasta. O que faltou?
Faltou dinheiro para tocar a secretaria. No último ano da gestão Kassab, as regionais

tinham um orçamento anual de 1,3 bilhão de reais, em valores atualizados. Em 2017, foram 350 milhões de reais. Eram oito equipes de manutenção de logradouros no centro em 2012. Para cobrir o déficit da Previdência, sobra menos. Vai reduzindo, reduzindo, até chegar a uma equipe hoje.

O senhor emagreceu, separou-se, viajou bastante no ano passado. Até aliados diziam que estava “curtindo a vida adoidado”.
Tenho 37 anos e vivo como uma pessoa dessa idade. Mas, se até agora eu levava

uma vida de solteiro, a partir de 7 de abril vou ser um homem casado com a cidade de São Paulo. Serão vidas distintas.

João Doria chamou o ex-governador Alberto Goldman de fracassado. Agora está às turras com José Aníbal. Como será sua relação com o PSDB e seus antigos caciques?
O partido está em ebulição. Saímos da eleição de 2016 como a legenda mais vitoriosa do país e fechamos o ano passado com a mesma rejeição do PT. Meu perfil é agregar, ciscar para dentro. Conheço todos

(os caciques) desde que nasci. Mas é claro que há uma mudança de geração no comando do partido. Isso é inegável.

A reforma da Previdência municipal passará na Câmara?
Tem de passar. Em 2017, o déficit foi de 4,7 bilhões de reais. Neste ano será de 5,8 bilhões de reais. De cada 10 reais que a população paga de IPTU, 9 vão para cobrir as aposentadorias do funcionalismo. Não dá mais para ficar como está.

A relação da prefeitura com o Tribunal de Contas do Município não andava bem e piorou depois

que o vereador Milton Leite defendeu a extinção do órgão.
A cidade perde com esse conflito. Cada um tem seu papel. Não há nenhuma necessidade de reclamar dos procedimentos. Se acaba aqui, vai para o Tribunal estadual. Se uma proposta de extinção tramitar na Câmara, vou falar para a base do governo votar contra.

O modelo de concessão dos parques municipais é viável? Existe a possibilidade de alterações, caso não haja atratividade nos chamados “combos”?
O primeiro combo, do Ibirapuera com outros cinco locais de menor

visibilidade, é viável. Lá na frente vamos verificar os outros parques. Se o modelo se exaurir, buscaremos novas formas de negócio.

Como fugir das comparações entre o senhor e Doria?
Uma vez ele me ligou às 11 da noite e ficou meia hora na linha. No outro dia, às 6h30, ligou de novo perguntando que providências eu havia tomado (risos). Esse é o estilo dele, não o meu.

Está ansioso para assumir a prefeitura?
É claro! Já viu criança quando vai para a Disney pela primeira vez? Estou igual.

A construção da cenografia e o *Ethos* – A revelação do *ethos* do sujeito enunciador

Essa entrevista é uma amostra de um discurso político – a cena englobante –, e a entrevista – a cenografia. Na primeira pergunta e resposta do *corpus*, observa-se, da parte do enunciador, a construção do *ethos* visado, ou seja um *ethos* sendo preparado, querendo ser constituído pelo enunciador como um *ethos* de viés político original, conforme exemplificação de Maingueneau o *ethos visado não é necessariamente o ethos produzido. ...um político que queira suscitar a imagem de um indivíduo aberto e simpático pode ser percebido como um demagogo.*

Percebe-se a constituição do interdiscurso, onde o sujeito enunciador, recorre a sua memória e faz questão de citar o avô, e também por sua vida social e política pregressa, que no discurso perpassa a construção do “fiador” conforme apresenta Maingueneau (2013): *A qualidade do ethos remete, com efeito, à imagem desse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado.*

Na pergunta e resposta que finaliza a entrevista o enunciador apresenta um *ethos* dito (sugerido) de político jovem, diante de uma questão tão complexa, que lhe daria a possibilidade de elaborar um verdadeiro discurso político, cujos estereótipos estão ligados ao mundo ético político, apresentando a face positiva a qual buscaria a adesão do público leitor, do terceiro participante do dispositivo triangular, e qual daria ao sujeito enunciador o papel de “fiador” podendo então fazer sua campanha eleitoral, defender suas convicções e usar estratégias de convencimento, entretanto ele optou por uma resposta não convencional e inesperada, permitindo ao terceiro co-enunciador aferir a construção do *ethos* mostrado (discursivo), que pela enunciação caracteriza-se por um discurso de determinada classe social. Tal resposta seria autoconfiança, inocência ou construção sócio histórica cultural da identidade ideológica?

Segundo Maingueneau “a distinção entre *ethos* dito e mostrado se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o puramente “mostrado” pela

enunciação”. Assim analisa-se que o terceiro co-enunciador desvela o ethos efetivo, construindo pela enunciação no discurso sujeito enunciador.

O ethos é distinto dos atributos “reais” do locutor. O locutor, pode ter dito algo que realmente choca o público, mas conforme Aristóteles pode estar associado aos traços de caráter particulares dos homens em função de sua idade e de sua fortuna (na ordem em que se apresentam: a nobreza, a riqueza, o poder e a sorte).

Considerações finais

Podemos afirmar que o enunciador se remeteu a sua infância, seus valores e seu avô, apresentou um interdiscurso, pautado em sua memória discursiva, viabilizando seu posicionamento político.

No discurso apresentado pelo sujeito enunciador, suas “ideias”, por um lado, suscitam a adesão por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser, ou seja, caracteriza-se a construção de um ethos efetivo/discursivo. Contudo, por outro lado, o terceiro co-enunciador desvela o ethos efetivo por meio da enunciação do discurso em recorte, revelando a identidade do sujeito-enunciador como uma construção ideológica e sócio-histórica discursiva, conforme afirma Maingueneau (2013: 107) que o ethos corresponde a uma atitude do enunciador, um sujeito criado pelo discurso, diferentemente do sujeito real do ethos retórico, revelando-se a personalidade do enunciador”.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. Discursos das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso político. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise do discurso. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. 6 ed. ampl. - São Paulo: Cortez, 2013.

QUINTELLA, Sérgio. Quem é e o que pensa Bruno Covas, o próximo prefeito de São Paulo. Revista Veja São Paulo, São Paulo: Editora Abril, edição 2575, ano 51, n. 13, p. 24, 25 março 2018.